

**Jornalismo e Ciências da Comunicação
Universidade do Porto**

Jornalismo Comparado – 2º Ano

Guerra do Golfo de 1991

Peter Arnett

Quando o jornalista é notícia

Ana Filipa Costa ljcc05014
Filipa Jorge ljcc05040
Francisco Guimarães ljcc05009
Susana Sousa ljcc05078

Índice

	Página
Introdução	2
• Guerra do Golfo	2
▪ Propaganda na Guerra do Golfo	3
• Peter Arnett	4
Quando o jornalista é notícia	5
• Episódio da “fábrica de leite”	5
▪ Reportagem de Peter Arnett	6
▪ Consequências da reportagem – campanha de desinformação	7
▪ Reacções dos <i>peers</i>	9
• Entrevista a Saddam Hussein	10
CNN e Peter Arnett na imprensa portuguesa	13
• Entrevista a José Rodrigues dos Santos	16
Conclusão	19
Bibliografia	21

Introdução

Não é por acaso que a cobertura de conflitos constitui um caso de estudo. No contexto de uma guerra, todas as regras mudam e o objectivo dos beligerantes é garantir a vitória (cada vez mais no domínio mediático e menos no palco do combate real) a todo o custo. Fala-se portanto em propaganda, contra-informação e desinformação. Palco de mais um conflito mediático, a Guerra do Golfo de 1991 albergou alguns casos *sui generis*, como a súbita ascensão da estação de televisão norte-americana Cable News Network (CNN) e da mediatizada cobertura de um dos seus correspondentes no terreno, aliás, o único em Bagdad a dada altura do conflito, Peter Arnett. É sobre ele, e mais concretamente sobre dois episódios que protagonizou e o destaque que tiveram na cobertura da imprensa diária portuguesa, que este trabalho versa.

Enquanto que a Guerra do Vietname se celebrou pela cobertura livre e sem preocupação por parte dos governantes, a Guerra do Golfo pautou-se pelos *briefings* e pelo sistema de *pool* para controlar o acesso dos jornalistas à informação. Peter Arnett, incontornavelmente controverso, quebrou as regras: contrariou a versão oficial das autoridades norte-americanas acerca do bombardeamento de uma “fábrica de leite em pó” em Abu Ghayb, a sul de Bagdad e entrevistou o líder iraquiano, Saddam Hussein.

Uma vez que os principais episódios em análise ocorreram entre 20 e 27 de Janeiro de 1991, optamos por recorrer a uma amostra dos principais jornais diários portugueses, nomeadamente o *Jornal de Notícias*, o *Diário de Notícias*, *O Público* e o *Correio da Manhã* na segunda quinzena de Janeiro e na primeira quinzena de Fevereiro de 1991. Para finalizar e completar o trabalho entrevistamos José Rodrigues dos Santos, jornalista português que mais se destacou na cobertura televisiva portuguesa no Golfo em 1991, tendo como objectivo apresentar um testemunho de um jornalista português que esteve presente no conflito em estudo.

Tendo em conta o desenrolar do conflito, partimos do pressuposto de que não tenha sido dado grande destaque à controvérsia gerada por Peter Arnett, por dois motivos: em primeiro lugar porque colocava em questão a posição dos EUA junto da opinião pública europeia, e, em segundo lugar, porque perante o receio gerado pelo conflito junto da opinião pública, sobretudo a propósito do eventual recurso a armas biológicas, é natural que os media europeus se focassem essencialmente no desenrolar do conflito e não tanto nas eventuais polémicas (apesar de toda a sua importância para uma verdadeira compreensão da dimensão do conflito e do papel das partes envolvidas). Esperamos, por isso, encontrar mais referências à entrevista com Saddam Hussein do que propriamente ao episódio do bombardeamento da “fábrica de leite”. É com esta hipótese, este pressuposto, que partimos para a elaboração do presente trabalho de investigação, cuja conclusão atestará a veracidade ou falsidade dessa mesma aceção que lhe serve de base.

Guerra do Golfo

A Guerra do Golfo foi um conflito desenvolvido entre o Iraque e uma coligação da Organização das Nações Unidas (ONU), que incluía países como os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha, a França, a Arábia Saudita, o Egipto e a Síria em defesa do Kuwait. O conflito surge na sequência da anexação deste emirado pelo Iraque a 2 de Agosto de 1991.

Numa altura em que o Iraque se encontrava numa situação de grande fragilidade económica, após a guerra contra o Irão, e depois de negado qualquer apoio por parte dos EUA, o presidente do Iraque, Saddam Hussein, acusa, em Julho de 1990, o Kuwait de

causar a queda dos preços do petróleo, retomando antigas questões de limites e exigindo indenizações. Perante a intransigência do Kuwait, a 2 de Agosto de 1990 tropas iraquianas invadem o país com o intuito de controlar os seus vastos e valiosos campos de petróleo.

A comunidade internacional reagiu de imediato à invasão. A ONU condenou a actuação do Iraque, impondo-lhe um boicote comercial, financeiro e militar. Perante o fracasso das soluções diplomáticas, a 17 de Janeiro de 1991 tem início um massivo ataque aéreo por parte da coligação contra o Iraque de Saddam Hussein.

O exército iraquiano encontrava-se relativamente bem equipado e contava com o apoio da população e a falta de interesse do mundo ocidental. Apesar de, ao contrário do esperado, a reacção por parte da comunidade internacional ter sido quase imediata, o exército de Saddam, alimentado por uma forte convicção religiosa, ofereceu também ele uma resistência inesperada.

Até 24 de Fevereiro, a coligação bombardeou intensivamente alvos militares no Kuwait e no Iraque. Entre 24 e 28 de Fevereiro de 1991 tem lugar uma batalha determinante para o desenrolar do conflito, liderada pelo Comandante-Chefe, General Norman Schwarzkopf, e que resultou na libertação do Kuwait: a Operação *Desert Storm*. Esta operação consistiu numa operação terrestre, com um exército composto por cerca de meio milhão de soldados. Em poucas semanas, as defesas aéreas iraquianas foram destruídas, assim como edifícios públicos, depósitos de armamento, refinarias de petróleo e grande parte das redes de comunicações. Em 27 de Fevereiro, a maior parte da Guarda Republicana de elite do Iraque fora destruída.

O cessar-fogo foi declarado por George Bush, presidente dos EUA, a 28 de Fevereiro de 1991, sendo que o conflito só terminou efectivamente em Abril, altura em que o Iraque depôs as armas. A independência do Kuwait foi restaurada, mas o embargo económico da ONU ao Iraque tornou-se ainda mais severo.

A Guerra do Golfo constituiu uma demonstração do poderio bélico e de inovações tecnológicas por parte do exército da coligação. Aos mísseis SCUD de Saddam Hussein impôs-se a superioridade dos caças F-117, das bombas guiadas a laser e dos mísseis teleguiados. A superioridade tecnológica do Ocidente era avassaladora, permitindo uma rápida e fulminante conclusão do conflito.

No final da guerra, Saddam Hussein permanecia no poder, apesar do caos e instabilidade no Iraque e dos efeitos destrutivos do ambiente resultantes da guerra. A economia dos EUA atravessava uma grave crise, George Bush não foi reeleito para o segundo mandato na presidência do país e a Primeira-ministra britânica (uma das principais impulsionadoras do conflito), Margaret Thatcher, foi deposta pelo próprio partido.

Propaganda na Guerra do Golfo

Tal como afirma Douglas Kellner, na sua obra *The Persian Gulf TV War*, a Guerra do Golfo foi a guerra da propaganda. Segundo o autor, propaganda é uma modalidade do discurso que visa essencialmente persuadir, manipular e doutrinar as audiências levando-as a aceitar as medidas dos políticos, neste caso dos Estados Unidos da América e do Iraque¹.

A propaganda dos Estados Unidos baseava-se na imagem limpa, precisa e eficiente da guerra tecnológica e na demonização de Saddam Hussein. Do outro lado, a máquina de propaganda iraquiana tentava provocar o terror nas nações árabes, tentando, também, chamar a atenção do Ocidente. Os mísseis SCUD estavam a ser utilizados mais na

¹ Douglas Kellner, *The Media Propaganda War*, <http://www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/papers/gulfwar5.htm>

propaganda da imprensa diária iraquiana do que propriamente no campo de guerra².

Os media foram o veículo das relações públicas na divulgação da propaganda dos dois lados do conflito. No que diz respeito aos Estados Unidos América, o modelo dos PR – IZE estava bem desenvolvido e isso era evidente nos *briefings* da Casa Branca como também nos do Pentágono³.

A propaganda do Iraque não era tão directa como a dos EUA. O trabalho dos responsáveis pelas relações públicas iraquianos não era tão visível como o dos americanos, como menciona o então jornalista da CNN, Peter Arnett, na sua obra *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha: "Sadoun (...) deixou claro que a única razão porque pediram à CNN para ficar fora porque os nossos relatos poderiam ser valiosos para a causa iraquiana"*⁴.

Peter Arnett

Peter Arnett, nascido a 13 de Novembro de 1934 em Rivertown, Nova Zelândia, rapidamente se assumiu como o decano dos repórteres de guerra. Quando, em 1960, altura em que dirigia um pequeno jornal de língua inglesa no Laos, a Associated Press (AP) o convida a ingressar as suas fileiras, a sua carreira estava lançada. Ao serviço da AP, Arnett cobriu a Guerra do Vietname desde 1962 até 1975 de forma controversa e intransigente, facto que lhe valeu a ira do presidente americano Lyndon Johnson, mas também o prémio Pulitzer, atribuído em 1966.

Depois de passar por várias estações televisivas e, nomeadamente, pela National Geographic Magazine, o jornalista entra para a Cable News Network (CNN), de Ted Turner em 1981, estação essa que se notabilizou durante a Guerra do Golfo, transformando-se, pela cobertura *non stop* 24 horas por dia dos acontecimentos no Iraque e Kuwait, num autêntico fenómeno da história da televisão.

Ao serviço da CNN em Bagdad, Peter Arnett protagonizou alguns dos episódios mais marcantes da sua carreira, sendo provavelmente o epíteto do seu percurso no Golfo Pérsico a mítica entrevista ao presidente iraquiano, Saddam Hussein.

Após 18 anos ao serviço da cadeia de televisão norte-americana, Peter Arnett acaba por não ver o seu contrato renovado, na sequência da publicação de um documentário em conjunto para a CNN e a *Time Magazine*, na qual o jornalista denunciava o uso de gás Sarin por parte do exército americano sobre um grupo de soldados desertores no Laos em 1970. O Pentágono pressionou a CNN e, após uma investigação interna, esta acabou por desmentir o documentário e despedir (ou forçar a demitir) alguns dos responsáveis pelo projecto. Peter Arnett foi repreendido pelo seu superior e o seu contrato acaba por não ser renovado.

Em 2003 parte para o Iraque, desta vez para fazer a cobertura da invasão americana para a estação televisiva americana National Broadcasting Corporation (NBC) e para a National Geographic Explorer Television. Mais uma vez, Peter Arnett põe à prova a resistência dos seus empregadores: a 31 de Março desse ano, o jornalista concede uma entrevista à televisão iraquiana, na qual afirma que o "*plano americano*" falhou. Perante o avolumar das críticas e a persistente intransigência do jornalista, este acaba por ser demitido, sendo contratado menos de 24 horas depois pelo jornal britânico *Daily Mirror*.

² Douglas Kellner, *The Media Propaganda War*, <http://www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/papers/gulfwar5.htm>

³ *Idem*

⁴ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 416 e 417

Actualmente, o jornalista é editor-chefe da revista trimestral *Global Vision*, tendo feito também recentemente a cobertura das eleições presidenciais americanas para a estação televisiva turca ATV.

Permanentemente acusado por presidentes e altos cargos do governo e exército americanos de fazer propaganda anti-americana e de beneficiar os opositores dos EUA, Peter Arnett é um jornalista pouco convencional. A sua carreira ficou marcada pela sua persistência e coragem em condições de conflito. Arnett afirmou sempre relatar “*apenas aquilo que via*”, e isso certamente não o impediu de contrariar relatórios e declarações oficiais. Enquanto jornalista, teve uma carreira brilhante, percorrendo e relatando acontecimentos dos principais conflitos da actualidade, com especial destaque para a Guerra do Vitename, que lhe valeu o famigerado Pullitzer. Enquanto notícia, também deu muito que falar.

Quando o jornalista é notícia

Episódio da “fábrica de leite”

Reportagem de Peter Arnett

Durante a Guerra do Golfo, dois jornalistas de duas cadeias de televisão ocidentais, John Simpson da British Broadcast Corporation (BBC) e Peter Arnett da Channel News Network (CNN) são convidados pelo líder iraquiano, Saddam Hussein, para cobrir o conflito do território inimigo.

No dia 22 de Janeiro de 1991, Peter Arnett, acompanhado como sempre por um censor iraquiano, visita as ruínas de uma fábrica que tinha sido bombardeada pelas forças da coligação nos dias 20 e 21 do mesmo mês. O pretexto para o bombardeamento era o de que a fábrica, supostamente responsável pela produção de leite em pó para bebé, era na verdade uma infraestrutura de fabrico de armamento biológico.

Na obra *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha*, Peter Arnett descreve o cenário que encontrou à chegada a Abu Graib, local onde a fábrica se situava. Terá sido confrontado com uma tabuleta onde estava inscrito “(...) *Fábrica de Leite para crianças* (...)”⁵, em inglês e em árabe, que como que constituía a prova daquilo que o censor que o acompanhava denominou de “(...) *bombardeamento indiscriminado* (...)”⁶. Os vários oficiais iraquianos presentes na visita guiada descreviam o modo como “(...) *a fábrica produzia vinte toneladas diárias de leite em pó para bebés e (...) ninguém tinha ficado ferido porque os trezentos trabalhadores haviam terminado o turno da noite*”⁷. Arnett declara que “*Havia documentos por toda a parte*”⁸, que recolheu sub-repticiamente e que segundo afirma seriam esquemas da planta da fábrica, desenhados pelos construtores da Sogetec Industries de França. Do que observou, nada o levou a concluir que se tratava de uma fábrica com fins de produção de equipamento militar de qualquer espécie. Assim, na noite de 23 de Janeiro, Peter Arnett inaugura um episódio polémico quando afirma perante as câmaras da CNN que não encontrara qualquer evidência de que a alegada fábrica de armamento biológico não fosse outra coisa senão uma simples fábrica de leite em pó para crianças.



Figura 1: Jornalistas levados à “fábrica de leite” em 1991 viram esta placa escrita à mão, em inglês e árabe

⁵ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 418

⁶ *Idem*

⁷ *Ibidem*

⁸ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 419

Consequências da reportagem – campanha de desinformação

A polémica estava agora lançada. A partir daqui os problemas começaram a surgir para Peter Arnett e para a CNN. Algumas horas depois, num *briefing* a partir de Rhiyadh, capital da Arábia Saudita, o porta-voz do pentágono, Mike Gallagher afirmava que a fábrica de leite era sem dúvida um alvo militar: “*Apparently this facility, by what we’ve just learned has, uh, military guards around it, barbed wire fence. It has a military garrison outside and numerous sources have indicated that the facility is associated with biological warfare production*”⁹.

Peter Arnett defendeu-se afirmando que “*It looked innocent enough from what we could see (...)*”¹⁰. Segundo afirmou, a fábrica era apenas vigiada por um guarda e recordava-se de ter visto leite em pó proveniente do Reino Unido.

Como esperado, a Casa Branca não demorou a responder. O seu porta-voz, Marlin Fitzwater, acusou Arnett de traição e afirmou peremptoriamente que se tratava de uma instalação para a produção de armas biológicas: “*Everything that Peter Arnett reports is approved by, censored by and reviewed - on the spot - by the Iraqi government. (...) The Iraqis have hidden this facility behind a façade of baby-milk production as a form of disinformation*”¹¹.

O jornal *New York Times* noticiou da seguinte forma a resposta de Fitzwater: “*Mr. Fitzwater said that the plant was heavily guarded and surrounded by barbed wire, but refused to say what other evidence there was that the facility was used for germ warfare, or how it was obtained*”¹². Também o chefe do Estado-Maior norte-americano, Colin Powell, reforçou o argumento defendido pelo porta-voz da Casa Branca, dizendo que, de facto, a fábrica albergava armamento biológico.

Perante a intransigência de Arnett, a Casa Branca continuava a insistir que se tratava de uma fábrica de armas biológicas e que a mesma fábrica realmente tinha chegado a produzir leite em pó entre 1979 a 1980 e mais tarde entre a Primavera e o Verão de 1990. Defendia, igualmente, que os inspectores da United Nations Special Commission (UNSCOM), encarregues de investigar a situação, haviam descoberto que três cientistas tinham estado a trabalhar para o regime iraquiano na fábrica e que esta se tratava, realmente, de uma instalação de produção de armas biológicas¹³.

Na edição de 2 de Fevereiro de 1991, numa entrevista ao jornal *Liberation*, Pierre Guerin, director da empresa que construiu a “fábrica de leite” em Bagdad, assegurou que o edifício bombardeado tinha sido construído com o intuito de fabricar leite em pó para crianças e jamais poderia ser transformado numa fábrica de armas biológicas¹⁴.

Esta versão foi igualmente confirmada por dois técnicos neozelandeses (Malcolm Seamark e Kewin Lowe) ao *Washington Post* num artigo publicado a 8 de Fevereiro de 1991. Neste artigo ambos confirmaram que, aquando da última visita em 1990, instalaram um equipamento para produção de queijo. Segundo afirmavam, aquelas instalações eram, definitivamente, de uma fábrica de leite¹⁵.

⁹ Douglas Kellner, *The Media Propaganda War*, <http://www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/papers/gulfwar5.htm>

¹⁰ *Idem*

¹¹ Mark Crispin Miller, *Becoming Media-Wise: A Lesson In U.S. Propaganda*, http://baltimorechronicle.com/media_miller_jano3.shtml

¹² *Idem*

¹³ *Crafting Tragedy*, <http://www.whitehouse.gov/ogc/apparatus/crafting.html>

¹⁴ *Reader asks about US bombing of baby milk plant during Gulf war*, <http://www.wsws.org/correspo/1998/sep1998/iraq-s04.shtml>

¹⁵ *Idem*



Figura 2: Edifício da “ fábrica de leite”

Assim, a par da versão de Peter Arnett, corroborada pelos testemunhos dos técnicos neozelandeses e pelo director da empresa responsável pela construção da “fábrica de leite”, a Casa Branca argumentava que não se tratava de uma simples fábrica de produtos lácteos mas de uma instalação de produção de armamento biológicas. A credibilidade de Peter Arnett estava a ser colocada em causa pelo governo americano e pelos próprios colegas que o acusavam de traição e falta de patriotismo. A própria CNN era acusada por Fitzwater de constituir “*um canal para a desinformação iraquiana*”¹⁶.

Peter Arnett defende-se dos ataques da Casa Branca, alegando que “*Os primeiros relatos da CNN dos ataques contra Bagdade tinham, na generalidade, encontrado aprovação do governo dos Estados Unidos porque as nossas observações sobre a exactidão dos bombardeamentos eram vantajosas para a política americana. Agora que eu estava a ver o lado negativo, a Casa Branca estava obviamente a mudar de cantiga. (...) Estava a chegar ao ponto em que era a minha palavra contra a Casa Branca. A minha credibilidade estava em jogo. Precisava de documentação convincente da história da fábrica*”¹⁷.

Questionado pelos seus colegas sobre se tinha realmente certeza de que se tratava de uma fábrica de leite, o jornalista apenas salientou: “*Mantive que só podia relatar aquilo que via, mas que me fora permitido andar entre os destroços e examiná-los a fundo. Disse que me preocuparia se lá tivessem sido produzidas substâncias químicas e biológicas porque teria sido contaminado (...) Aprendi no Vietname a acreditar apenas naquilo que os meus olhos vêem. Tenho um cepticismo inato porque sou um jornalista. Só posso confirmar o que os meus olhos podem ver*”¹⁸.

No dia 11 de Fevereiro de 1991, após se ter deslocado novamente à “fábrica de leite”, Peter Arnett afirma numa entrevista à revista *Newsweek* que não tem dúvidas de que naquele edifício se produzia leite em pó, não deixando de lado a hipótese dos iraquianos terem construído no subsolo uma instalação de armas biológicas.

Ao coro de vozes que defendiam a notícia de Arnett vem juntar-se, a 25 de Março de 1991, a declaração do ex-director da CIA, no jornal *The Times*, onde afirmava que os bombardeamentos à fábrica tinham sido um erro: “*the American intelligence community had got it wrong when bombers attacked the baby milk factory*”¹⁹.

Também após o final do conflito, o general Merrill McPeak da Força Aérea americana admitiu que o ataque à fábrica tinha sido um dos erros cometidos durante a

¹⁶ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 421

¹⁷ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 422

¹⁸ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 423

¹⁹ Douglas Kellner, *The Media Propaganda War*, <http://www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/papers/gulfwar5.htm>

Guerra do Golfo, tal como o ataque a alguns alvos civis: “*There is no doubt that we made some mistakes about what we bombed. (...) During the war, however, the U.S. military never admitted making any mistakes and lied consistently to hide the fact that they were regularly hitting civilian targets*”²⁰. No entanto, Collin Powell continuava a afirmar que as instalações eram na realidade de uma fábrica de armas biológicas.

No dia 27 de Fevereiro de 1996, no programa de Bernard Shaw da CNN, George Bush afirmou ter visto fotografias dos produtos químicos que estavam a ser produzidos na “fábrica de leite”, mas que esta informação não estava disponível ao povo americano: “*We didn't show the guards, we didn't show the chemicals going in that I would see - we couldn't show them - that I would see as president of the United States*”²¹. Segundo afirma, os químicos “*had no connection with baby milk. (...) Then we'd see written in crazy English 'baby milk plant' after it was bombed*”²².

Reacções dos peers

Alfonso Rojo, correspondente do jornal espanhol *El Mundo*, referiu num artigo do jornal *Manchester Guardian*, que a “fábrica de leite em pó para bebés” era uma instalação secreta para pesquisa e desenvolvimento de armas nucleares. No mesmo artigo, o jornalista refere que quando Peter Arnett se deslocou à fábrica apenas reparou na parte dianteira do equipamento, onde havia inscrições em francês, não tendo reparado na parte de trás, onde estavam inscrições em austríaco. Além disso, o governo utilizava a “fábrica de leite em pó” como uma fachada para impedir uma nova invasão de Israel às instalações nucleares, tal como tinha acontecido em 1981.²³

Tom Shales, crítico do *Washington Post* descreve um “síndrome de Arnett”, como sendo “*a seemingly inexhaustible concern for the welfare of the Iraqis*”.

Peter Arnett foi alvo de chacota por parte de William Prochnau do *New York Times* pela reportagem que fez sobre a “fábrica de leite”: “*Arnett, never a sucker for anyone's official line, had gone to great pains to point out (slipping it by the censor at his elbow) that the factory's 'baby milk' signs were printed in English*”²⁴. Contudo, vários jornalistas defenderam o trabalho de Peter Arnett. Um deles foi Walter Cronkite: “*In response to Arnett's most recent foray into enemy propaganda, the Times was again doing defense work for a traitor. Walter Cronkite praised Arnett on the op-ed page for 'his knowledgeable dispatches' – simply ignoring that every 'fact' reported by Arnett on his Iraqi broadcast was demonstrably false. Amazingly, Cronkite also claimed that it was 'conceivable' that Arnett's warm relationship with the enemy was 'of some value to our own military.' Only when reporters act as tools of the enemy's propaganda do we hear about the great help they are giving the U.S. military. Normally, journalists denounce such services to their country as a violation of their famed 'objectivity'*”²⁵.

A verdade é que, apesar da diversidade dos argumentos, nunca se chegou a saber se de facto a fábrica de Abu Ghurayb era ou não um centro de produção de armamento biológico. Arnett foi severamente criticado pela cobertura que fez deste episódio, mas

²⁰ *Idem*

²¹ *Bush defends Gulf war decisions – CNN's Bernard Shaw interviews the former president*, <http://edition.cnn.com/US/9602/bush>

²² *Idem*

²³ *Activity 19, The Baby Milk Factory - Reading 19F: Baghdad Gasbag*
<http://www.globaled.org/curriculum/cm19f.html>

²⁴ Ann Coulter, *The Viet Cong Admiration Society retreats*,
http://www.worldnetdaily.com/news/article.asp?ARTICLE_ID=31849

²⁵ *Idem*

sem dúvida que a sua contribuição para o questionamento das versões oficiais foi fundamental, num panorama de controlo dos media como foi a Guerra do Golfo.

Entrevista a Saddam Hussein

No dia 27 de Janeiro de 1991, em plena fase de bombardeamentos, Peter Arnett entrevistou o líder iraquiano, Saddam Hussein.

Em 1994, Peter Arnett descreve a sua experiência de 35 anos a cobrir conflitos internacionais, de entre os quais a Guerra do Golfo, no seu livro *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha*. Perante a inexistência de mais informação relativa à entrevista feita por Peter Arnett a Saddam Hussein, todos os conteúdos incluídos neste capítulo, remetem exclusivamente para a obra supracitada.

Segundo relata, na sua obra, sabendo que “*entrevistar Saddam Hussein no meio desta guerra seria controverso*”²⁶, Peter Arnett deu início à entrevista com o objectivo de ser tão imparcial quanto possível.

À primeira pergunta, que se referia ao facto de os bombardeamentos terem “*mergulhado Bagdade na escuridão*”²⁷, e de os EUA terem anunciado que estavam a ganhar a guerra, o líder iraquiano inicia o seu discurso de forma vaga “*e cheia de rodeios*”²⁸. Peter Arnett tentava pressionar o líder iraquiano, mas a demora na tradução dificultava-lhe a tarefa. Por isso mesmo, a segunda pergunta foi mais incisiva: desta vez o jornalista perguntava a Saddam sobre a sua “*decisão de usar pilotos aliados capturados como escudos humanos em instalações estratégicas, sublinhando que mesmo que ele próprio invocasse a convenção de Genebra, o seu comportamento não se adequava aos acordos que regiam a conduta em guerra*”²⁹. A partir daqui, a entrevista torna-se mais dinâmica, com Saddam a revelar mais sobre si próprio e a apontar severas críticas aos “*políticos hipócritas no Ocidente*”³⁰. O discurso do líder iraquiano é quase profético, aludindo ao povo iraquiano, à alma dos soldados americanos e ao “*sangue, muito sangue*”³¹.

A parte mais importante da entrevista tem lugar na altura em que Arnett pergunta a Saddam Hussein se planeia “*finalmente soltar o seu potente arsenal*”³², no qual se incluíam as temidas armas biológicas. Hussein limita-se a responder que o Iraque apenas usará armas equivalentes àquelas que forem usadas pela coligação. Dai que, apesar da capacidade do míssil SCUD iraquiano modificado, chamado El Hussein, de transportar ogivas químicas, biológicas e nucleares, este tenha apenas sido usado com as ogivas convencionais, seguindo os “*valores tradicionais*”³³ que mantêm o Iraque

²⁶ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 433

²⁷ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 434

²⁸ *Idem*

²⁹ *Ibidem*

³⁰ *Ibidem*

³¹ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 435

³² *Idem*

³³ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 435

no caminho “do combate balanceado”³⁴. Quando surge a questão de as instalações de produção nuclear terem sido destruídas “como o Pentágono proclamava”³⁵, o líder iraquiano, segundo Peter Arnett, “fingiu indignação e deu-me um pequeno sermão sobre segurança”, afirmando que os EUA “puseram restrições aos mais simples detalhes da sua operação militar. E dizem que são uma democracia. Vocês descrevem o Iraque como uma ditadura, então como esperam que lhe demos detalhes desta gravidade, desta natureza importante?”³⁶.

A entrevista teve uma duração de noventa minutos e o balanço que Arnett faz dela é de que se tinha mantido no seu terreno e que “Saddam fora, quase sempre calmo e suave. A única pressão que demonstrava era no rápido pestanejar”³⁷. Como revela, “parecia contente com o seu desempenho. Empatara parte do tempo e fizera propaganda”³⁸.



Figura 3: Saddam Hussein na entrevista à CNN em Janeiro de 1991

Na obra *Ao Vivo do Campo de Batalha*, além de descrever a supracitada entrevista a Saddam, o autor também relata o que a precedeu e os passos que percorreu até à transmissão em directo a partir do jardim do Hotel al-Rashid em plena noite de bombardeamentos. Em primeiro lugar, exigiu que as cassetes lhe fossem enviadas à meia-noite do dia da entrevista, de moda a evitar a manipulação das imagens. No entanto, perante a ausência de uma autorização para fazer a ligação de TV ao satélite, Arnett simula o envio das cassetes para a Jordânia, obrigando a CNN a uma transmissão em directo, uma vez que quando avisou os seus colegas de que não tinha de facto enviado as cassetes, já era tarde de mais para fazê-lo. Assim sendo, os jornalistas “correram a montar a ligação no jardim do al-Rashid. (...) O barulho das sirenes de ataque aéreo era enervante. Havia mais bombardeamento do que na noite anterior e as vibrações abanavam o chão. O céu estava iluminado pelo fogo antiaéreo”³⁹. O directo abriu o programa das notícias da noite com o pivot Bernard Shaw, que no final da entrevista salientou “a situação actual da Casa Branca de Bush e do Pentágono de Bush e da sua reacção negativa às reportagens feitas por Peter Arnett da CNN”⁴⁰.

³⁴ *Idem*

³⁵ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 436

³⁶ *Idem*

³⁷ *Ibidem*

³⁸ *Ibidem*

³⁹ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 438

⁴⁰ Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdade – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996, p. 440

Juntamente com o episódio do bombardeamento da suposta fábrica de leite, a entrevista feita por Peter Arnett a Saddam Hussein alimentou a controvérsia em torno da figura do jornalista e suscitou as críticas por parte das forças militares e do governo americanos. Arnett foi acusado de fazer propaganda a favor do Iraque, nomeadamente pelo porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater.

Perante a relevância destes episódios no contexto da cobertura da guerra do Golfo, resta avaliar qual o destaque que lhes foi concedido nos quatro diários portugueses alvo de análise neste trabalho.

CNN e Peter Arnett na imprensa portuguesa

Perante as características do objecto de estudo deste trabalho, optamos por recorrer à análise de conteúdo e à entrevista como metodologias, em detrimento da observação participante, impossível neste caso.

A análise de conteúdo destes elementos tem como objectivos fundamentais identificar as características ou intenções dos agentes, detectar a presença de ideologia e propaganda, perceber o foco dado pelas organizações aos episódios em estudo e descrever as tendências dos conteúdos informativos. Para melhor cumprir estes objectivos, utilizamos os dois tipos de análise (quantitativa e qualitativa), visto o uso de apenas a análise quantitativa estar, actualmente, ultrapassado. Para além disso, a escolha da análise de estudo como metodologia predominante deste trabalho de investigação residiu em certas vantagens, tais como o facto de ser economicamente viável, permitir ter uma disponibilidade imediata do objecto em estudo e chegar sempre a um resultado, pretendido ou não.

Uma vez que os principais episódios em análise ocorreram entre 20 e 27 de Janeiro de 1991, optamos por recorrer a uma amostra dos principais jornais diários portugueses, nomeadamente o *Jornal de Notícias*, o *Diário de Notícias*, *O Público* e o *Correio da Manhã* na segunda quinzena de Janeiro e na primeira quinzena de Fevereiro de 1991. Tratando-se dos diários mais lidos em Portugal no período supracitado, os jornais escolhidos são também os que possuem uma maior abrangência a nível nacional.

Do *Jornal de Notícias* serão alvo de estudo sete artigos, do jornal *O Público* analisaremos dezassete, do *Correio da Manhã* doze e, finalmente, do jornal *Diário de Notícias* serão analisados doze, o que perfaz um total de quarenta e oito artigos.

Todo o trabalho de Peter Arnett está intrinsecamente ligado à estação de televisão norte-americana CNN, que o empregava. Assim, achamos importante analisar, também, os artigos que fazem referência à CNN e ao fenómeno que esta estação protagonizou durante a Guerra do Golfo de 1991. A cadeia televisiva de Ted Turner conseguiu, na altura, assumir-se como principal fonte para os media ocidentais, especialmente no período em que a sua equipa foi a única a permanecer em Bagdad, além de inaugurar a transmissão de notícias durante vinte e quatro horas por dia.

Ao nível da análise quantitativa, optamos pela divisão dos dados em três tabelas principais. Nas duas primeiras tabelas estão discriminados os temas mais focados pelos artigos em estudo e a respectiva frequência absoluta. No decorrer da estruturação das primeiras duas tabelas, deparamo-nos com a necessidade de incorporar uma tabela complementar, onde se incluem alguns temas não abrangidos pelos parâmetros iniciais que presidiam este trabalho. Por fim, a título conclusivo, optamos, ainda, por criar uma terceira tabela dedicada à análise da relevância dos artigos no jornal em que se inserem.

	<i>Diário de Notícias</i>	<i>Jornal de Notícias</i>	<i>O Público</i>	<i>Correio da Manhã</i>	Total
Referência à CNN	5	1	7	3	16
Referência a Peter Arnett	1	2	2	1	6
Referência à CNN e a Peter Arnett	6	4	8	5	23
Total	12	7	17	9 *	

Tabela 1: Artigos

* Três artigos, que totalizam os doze artigos analisados no jornal *Correio da Manhã*, noticiam a controvérsia no que diz respeito ao episódio da “fábrica de leite para bebés”. No entanto, não têm qualquer referência à CNN ou a Peter Arnett.

Tendo em conta o período escolhido para a realização da análise, podemos constatar, através da Tabela 1, que o jornal *O Público* é dos quatro diários em estudo o que tem mais artigos referentes à CNN e ao jornalista Peter Arnett. Por outro lado, o *Jornal de Notícias* tem apenas sete artigos que se referem a estação televisiva e ao jornalista.

Como podemos observar na tabela, todos os diários referem simultaneamente a CNN e Peter Arnett, como uma só entidade.

É ainda necessário realçar o facto de que em todos os jornais o jornalista Peter Arnett é referido como sendo único jornalista ocidental a cobrir o conflito desde a capital iraquiana, Bagdad: “o único jornalista americano no Iraque”, “um dos jornalistas ocidentais que ainda se encontram em Bagdad”, “que conseguiu a primeira entrevista com Saddam Hussein desde o incio da guerra” e “o único jornalista ocidental autorizado pelo Iraque a permanecer em Bagdad”.

	<i>Diário de Notícias</i>	<i>Jornal de Notícias</i>	<i>O Público</i>	<i>Correio da Manhã</i>	Total
“Fábrica de leite”	1	1	1	4	7
Entrevista a Saddam Hussein	4	1	2	3	10
Audiências	1	2	3	-	6
“Efeito CNN”	3	2	3	2	10
Propaganda, contra-informação e desinformação	5	3	8	2	18
Censura iraquiana	4	-	2	2	8
Censura americana	4	-	1	-	5
Censura de ambos os lados	1	3	5	-	9
Outros *	2	3	11	3	19

Tabela 2: Temas abordados nos artigos

* Temas abordados na tabela seguinte.

Antes de partir para a análise qualitativa, é de salientar que estruturámos a tabela anterior tendo em conta que cada artigo pode abordar mais do que um tema.

Como é visível na Tabela 2, o tema mais focado pelos quatro diários portugueses é o da propaganda, contra-informação e desinformação, conceitos que decidimos englobar no mesmo parâmetro, visto estarem relacionados entre si. É, também, dado grande destaque à entrevista feita por Peter Arnett a Saddam Hussein e ao “efeito CNN”, conceito que surgiu na Guerra do Golfo devido à predominância deste canal como fonte de informação para os outros media, não só ocidentais. Por outro lado, o tema menos focado na imprensa portuguesa é a censura americana.

Os resultados mostram que, em todos os jornais em análise, é dado pouco relevo aos episódios em estudo, nomeadamente o da “fábrica de leite” e o da entrevista a Saddam Hussein, o que contraria o destaque dado pelos media norte-americanos aos mesmos. Dos quatro diários, o jornal *Correio da Manhã* foi o que mais artigos publicou no que respeita à controvérsia levantada pela reportagem de Peter Arnett sobre a “fábrica de leite” (quatro). Os restantes jornais, contudo, referem apenas uma vez este assunto. Por sua vez, o *Diário de Notícias* é o jornal que mais refere a entrevista a Saddam nos seus artigos (quatro) seguido do *Correio da Manhã* com três artigos.

É importante realçar o facto de o jornal *Diário de Notícias* fazer referências, de forma equilibrada, à censura iraquiana e americana, com, respectivamente, quatro referências para cada assunto. O *Jornal de Notícias* quando aborda o tema “censura” fá-

lo em relação a ambos os lados do conflito (Iraque e EUA). O jornal *O Público*, embora a diferença seja mínima (de apenas um artigo), deu mais ênfase à censura iraquiana. No entanto, na maioria das vezes em que o jornal foca este tema fá-lo referindo-se aos dois lados de igual modo, ou seja com o mesmo destaque. De referir, também, o facto de o *Correio da Manhã* não mencionar o tema “censura americana” e “censura de ambos os lados”, fazendo-se referência, apenas, à censura iraquiana com dois artigos respectivamente.

É de realçar, também, o facto de, no dia 21 de Janeiro, o jornal *O Público* ter publicado um artigo relativo à subida das audiências das cadeias televisivas norte-americanas, nomeadamente a CNN, onde noticia, com um tom depreciativo, que esta cadeia fez uma sondagem no início do conflito que veio confirmar o elevado índice de audiências deste canal: “A CNN não teve o menor escrúpulo em efectuar uma sondagem (...)”⁴¹.

	<i>Diário de Notícias</i>	<i>Jornal de Notícias</i>	<i>O Público</i>	<i>Correio da Manhã</i>	Total
CNN primeira a noticiar acontecimentos	-	-	2	1	3
Ted Turner, patrão da CNN	2	1	-	-	3
Jornalistas abandonam Bagdad a 20/01 e apenas fica CNN	-	-	1	1	2
Ataque a alvos civis no Iraque	-	-	2	-	2
Arnett – um dos protagonistas da guerra	-	1	1	1	3
Jornalistas ocidentais deslocam-se a Bagdad no dia 31/01	-	1	2	-	3
Alfonso Rojo acusa Arnett	-	-	1	-	1
Jornalistas ocidentais regressam a casa a 08/02, excepto Arnett	-	-	1	-	1
<i>El Mundo</i> revela, a 10/02, que a CNN disponibiliza satélite a autoridades iraquianas	-	-	1	-	1

Tabela 3: Outros

Durante a análise dos artigos dos quatro diários portugueses, deparamo-nos com a necessidade de incorporar uma tabela complementar, onde se incluem alguns temas não abrangidos pelos parâmetros iniciais que presidiam este trabalho. Os temas abrangidos pelos parâmetros iniciais são, como se pode ver, os mencionados na Tabela 3. Assim, os outros temas mais referidos nos artigos em estudo foram: “CNN primeira a noticiar acontecimentos”, “Ted Turner, patrão da CNN”, “Arnett – um dos protagonistas da guerra” e “Jornalistas ocidentais deslocam-se a Bagdad no dia 31/01”.

O jornal *O Público* é o único que refere a acusação de Alfonso Rojo a Peter Arnett pelo facto deste não lhe ter cedido o satélite da CNN; o regresso dos jornalistas ocidentais presentes em Bagdad, à excepção de Arnett, no dia 8 de Fevereiro e o facto do jornal *El Mundo* ter revelado, no dia 10 de Fevereiro, que a CNN disponibilizou o seu satélite às autoridades iraquianas. Ainda que não mencionado na tabela, *O Público* destaca, também, o sistema de *pool*; o “síndrome de Vietname”, que, segundo o jornal,

⁴¹ Informação reage à censura militar, jornal *O Público*, 21 de Janeiro de 1991, p. 13

prevalece, ainda, na mente dos militares e a proposta do director-geral da televisão italiana RAI para criar a Euronews, um canal informativo europeu que teria como objectivo concorrer com a CNN. Para além disso, este diário refere, em alguns dos seus artigos, as queixas de alguns jornalistas ocidentais no que diz respeito à censura de ambos os lados do conflito.

No mesmo dia que noticia o bombardeamento à “fábrica de leite para bebés”, o *Jornal de Notícias* publica um artigo sobre o Peter Arnett (“*Peter Arnett da CNN...um mito do jornalismo*”, no dia 24 de Janeiro). *O Público* também publica, poucos dias após Peter Arnett ter sido acusado pela Casa Branca de propaganda pró-iraquiana, um artigo apenas sobre o jornalista, considerando o mesmo um dos protagonistas da Guerra do Golfo (“*Os protagonistas de guerra (3)*”, no dia 30 de Janeiro).

	<i>Diário de Notícias</i>	<i>Jornal de Notícias</i>	<i>O Público</i>	<i>Correio da Manhã</i>	Total
Capa	1	-	2	1	4
Ilustração	5	3	8	8	24
Fonte	2	1	12	-	15

Tabela 4: Propriedades dos artigos

A Tabela 4 tem como finalidade mostrar a ênfase dado pelos diários aos artigos relacionados com a CNN e o correspondente Peter Arnett.

O jornal *O Público* acompanha doze dos dezassete artigos com uma referência à fonte, na maioria das vezes correspondentes do jornal. N’ *O Público* encontramos dois dos artigos mencionados na capa: no dia 26 de Janeiro, quando a Casa Branca acusa Peter Arnett de propaganda pró-iraquiana devido à sua reportagem sobre o bombardeamento à “fábrica de leite” e no dia 31 de Janeiro, referente à polémica entrevista feita pelo enviado especial da CNN a Saddam Hussein.

No *Jornal de Notícias*, dos sete artigos analisados, apenas um menciona a fonte. Tal como no jornal *O Público*, a fonte é um correspondente. Este jornal foi o único dos diários em estudo a não evidenciar na capa nenhum dos artigos publicados.

O jornal *Diário de Notícias* acompanha quase metade dos seus artigos com uma ilustração. A única notícia com direito a capa é referente à entrevista a Saddam Hussein e foi publicada no dia 29 de Janeiro, na 2ª Edição.

Tendo em conta o número de artigos analisados em cada jornal, o *Correio da Manhã* é o diário que percentualmente mais se socorre do factor “imagem” para ilustrar as suas notícias. No entanto, é importante referir que este jornal nunca menciona a fonte.

Em suma, a imprensa portuguesa não deu muito destaque aos episódios em estudo, visto apenas quatro dos quarenta e oito artigos em análise estarem na capa dos jornais. Para além disso, apenas metade vêm acompanhados de ilustração e cerca de um em cada três artigos evidencia a fonte da notícia.

Entrevista a José Rodrigues dos Santos

A 16 de Janeiro de 1991, as forças de coligação de vinte e oito países liderados pelos Estados Unidos da América, dão início ao bombardeamento de Bagdad, capital do Iraque, originando assim a Primeira Guerra do Golfo. José Rodrigues dos Santos protagoniza então uma maratona televisiva de cerca de dez horas sobre o ataque ao Iraque tornando-se, dessa forma, o rosto mais conhecido da televisão pública portuguesa.

Doutorado em Ciências da Comunicação com uma tese sobre reportagem de guerra, José Rodrigues dos Santos é professor da Universidade Nova e jornalista da cadeia de televisão Rádio e Televisão de Portugal (RTP), ocupando por duas vezes o

cargo de Director de Informação da televisão pública portuguesa. É um dos mais premiados jornalistas portugueses, tendo sido galardoado com vários prémios, entre eles o *Grande Prémio de Jornalismo*, em 1994, atribuído pelo Clube Português de Imprensa. Internacionalmente, venceu três prémios da CNN: o *Best News Breaking Story of the Year*, em 1994, pela estória *Huambo Battle* relacionada com a Guerra de Angola; o *Best News Story of the Year for the Sunday*, em 1998, pela reportagem *Albania Bunkers*; e o *Contributor Achievement Award*, em 2000, pelo conjunto de todo o seu trabalho. Em 1991 começa a apresentar o Telejornal e, entre 1993 e 2002, torna-se colaborador permanente da CNN, a cadeia norte-americana de informação contínua.

José Rodrigues dos Santos é visto como o melhor pivot da televisão portuguesa. Segundo noticiou o diário *Jornal de Notícias* no dia 30 de Março de 2007, de acordo com a agência Lusa, um estudo do Observatório da Comunicação (Obercom) apurou que o jornalista da RTP é o pivot informativo preferido dos portugueses, sendo, aliás, o mais credível e divertido da televisão nacional⁴².

Assim sendo, pretendemos, na abordagem proporcionada pelo encontro com este jornalista, perceber como viveu determinados episódios na Guerra do Golfo. Mais do que isso, pretendemos perceber as reacções dos meios de comunicação social e dos próprios profissionais quando o jornalista se torna ele próprio notícia. A nossa análise centrou-se nos dois episódios em estudo no presente trabalho, que proporcionaram esta situação, neste caso com o jornalista da CNN, Peter Arnett, o único jornalista ocidental, a dada altura do conflito, a noticiar desde a capital inimiga. Os dois episódios em análise são, como já foi referido anteriormente, o bombardeamento dos EUA a uma suposta fábrica de leite em pó e a entrevista de Peter Arnett a Saddam Hussein.

A escolha da entrevista como metodologia complementar residuiu, para além dos aspectos já focados, no facto de permitir o acesso a uma série de informações que não poderíamos aceder apenas através da análise de factos. O tipo de entrevista utilizado será a entrevista semi-estruturada, tendo em vista obter uma determinada informação com uma série de tópicos bem definidos.

Quando questionado sobre quais as verdadeiras condições dos jornalistas ocidentais na Guerra do Golfo, José Rodrigues dos Santos considerou a censura como sendo indirecta e admitiu desconhecer a situação vivida por outros jornalistas. Segundo ele, os iraquianos não censuravam o trabalho dos jornalistas, mas colocavam guias ao serviço da imprensa indicando em que sentido deveriam fazer os trabalhos. José Rodrigues dos Santos diz ter consciência de que esses mesmos guias viam as reportagens que os jornalistas emitiam, lembrando um episódio durante a sua cobertura da Guerra do Golfo: depois de ter feito uma reportagem sobre o palácio de Saddam, edifício que via perfeitamente da janela do seu quarto de hotel, foi “convidado” a mudar de quarto, alegadamente por problemas na canalização. Realça, mais do que uma vez, que a censura directa foi sentida no conflito da Jugoslávia, onde as autoridades visionavam e proibiam a emissão de determinadas imagens por conterem material de sensibilidade militar, mas que no Iraque a censura era muito mais subtil.

Sobre a censura do lado americano e após a questão levantada sobre as queixas que alguns jornalistas ocidentais fizeram ao sistema de informação do Pentágono, José Rodrigues dos Santos afirma que não sentiu censura por parte do mesmo. Afirma, aliás, que a censura como nós a conhecemos do tempo da Segunda Guerra Mundial não existe, a não ser em regimes mais atrasados. O que hoje em dia existe é uma gestão da

⁴² José Rodrigues dos Santos visto como o melhor pivot,
http://jn.sapo.pt/2007/03/30/televisao/jose_rodrigues_visto_como_o_melhor_p.html

comunicação, em que os americanos são peritos e através da qual criam acontecimentos para serem noticiados.

Refere a determinado momento uma entrevista que fez a Jamie Shea, porta-voz da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), na qual este afirmou ter como prioridade realizar diariamente uma conferência com assuntos para *“encher o mais possível a CNN com o ponto de vista da NATO (OTAN)”*.

Sobre o destaque dado pela RTP ao episódio da “fábrica de leite para bebé”, José Rodrigues dos Santos afirma ter *“uma vaga ideia”*, não tendo visto nada de invulgar na cobertura de Peter Arnett. Considerou-a, assim, como sendo mais *“um elemento integrado no noticiário”*, no qual se abordam vários temas: *“uma historiazita que fala sobre isso, depois continua-se com outras notícias, até ir para o futebol”*. José Rodrigues dos Santos menosprezou qualquer relevância deste episódio, achando-a *“uma notícia entre outras”*. Considera que um repórter em situação de conflito faz a cobertura dos dois lados e que, neste caso, Peter Arnett foi levado à “fábrica de leite” pelos guias iraquianos, simplesmente retratando o que viu. Peter Arnett não afirma ter visto os mísseis a cair e a destruir o complexo. Diz, simplesmente, que vê tudo destruído e o que encontra são pacotes de leite espalhados pelo chão. José Rodrigues dos Santos afirmou ter, provavelmente, utilizado como fontes as reportagens de Peter Arnett e comunicado que *“Peter Arnett disse que viu ali leite”*. Contudo, não recorda se a RTP noticiou a entrevista a Saddam, realçando que *“entrevistar o Saddam não me parece grande escândalo”* e que quando o jornalista cobre uma guerra é normal que entreviste os líderes de ambas as facções do conflito.

A título de conclusão, sobre o facto de Peter Arnett parecer ter atraído bastante controvérsia durante toda a sua carreira, o jornalista desdramatiza e relembra o facto de Arnett ter estado *“em Hanoi quando foi a mudança do regime (...) depois esteve em Bagdad onde a maior parte dos jornalista não queria estar naquele instante, mas ele foi fazer o seu trabalho. Ele é um jornalista muito experiente e naturalmente, sabendo que o trabalho do jornalista é noticiar as coisas foi o que foi para lá fazer”*.

Conclusão

Partindo do pressuposto que serve de base a este trabalho, podemos concluir que este se comprovou. De facto, não foi dado grande destaque ao episódio da “fábrica de leite” e à entrevista a Saddam Hussein no contexto da cobertura da Guerra do Golfo pelos quatro diários portugueses alvo de análise.

Foi encontrado um total de quarenta e oito artigos em cento e trinta e dois jornais. Desses quarenta e oito artigos só quatro tiveram direito a capa, metade foram ilustrados e em mais de metade não encontramos referência à fonte. Assim sendo, tendo em conta o grande destaque dado à cobertura da Guerra do Golfo, que suscitou mesmo o surgimento de segundas edições, os artigos alvo de análise foram, na sua maioria, pequenos apontamentos incluídos em notícias de grande dimensão, rubricas de colunas com resumos de vários acontecimentos e, apenas ocasionalmente, verdadeiros artigos.

Encontramos muitas mais referências à CNN enquanto protagonista de um fenómeno televisivo e da respectiva equipa, assim como ao seu papel no contexto da propaganda e da contra-informação entre as facções beligerantes. Tal como em todo o mundo mediático em 1991, também nos diários estudados a cadeia norte-americana serviu de fonte noticiosa, sobretudo no jornal *O Público*. Aliás, de todos os jornais analisados, este diário foi aquele que fez uma cobertura mais variada e completa dos temas em estudo, sendo que nele encontramos dezassete artigos, mais do que em todos os outros jornais. O *Correio da Manhã*, por outro lado, foi o mais insipiente e sensacionalista de todos os diários estudados.

Também no que diz respeito à aceção inicial de que iríamos encontrar mais referências à entrevista a Saddam Hussein do que ao episódio da “fábrica de leite”, também ela se comprovou, com uma incidência de sete artigos no que diz respeito à entrevista, e de dez referentes ao episódio. O único jornal a dar mais destaque à “fábrica de leite” foi o *Correio da Manhã*, por motivos que evidentemente se prendem com a linha editorial do jornal.

Em relação a uma possível parcialidade observável nos artigos em estudo, constatamos que, tal como previsto, estes se centraram mais no mero relato dos diversos episódios que foram ocorrendo no decurso do conflito do que propriamente na luta propagandística das facções beligerantes. Não nos pareceu, também, lógico que a imprensa portuguesa, que apesar de possuir alguns correspondentes em Bagdad estava tão longe do campo de batalha, arriscasse assumir intencionalmente uma posição favorável a qualquer um dos lados em litígio. Ainda assim, apesar da diferença ser mínima, quando se falou de temas como a censura e propaganda, houve mais referências ao lado iraquiano do que propriamente ao lado americano (este facto pode, a nosso ver, prender-se com a origem das fontes utilizadas).

A entrevista ao jornalista José Rodrigues dos Santos contribuiu, também, para a comprovação da hipótese inicial: apesar de se recordar dos episódios que presidem este estudo, não lhes atribuiu uma importância vital no contexto da cobertura do conflito, mesmo no âmbito da RTP, ao mesmo tempo que desdramatizou e desvalorizou o trabalho e o próprio protagonismo de Peter Arnett.

No decurso deste trabalho, mais do que aprofundar conhecimento do papel desempenhado pelo jornalista Peter Arnett no contexto da cobertura da Guerra do Golfo de 1991, compreendemos a dinâmica do funcionamento da imprensa portuguesa em situação de conflito. Não em qualquer guerra, mas nesta em particular, assistimos à tendência para a cobertura de factos objectivos (bombardeamentos, etc) em detrimento das controvérsias surgidas no decurso dos acontecimentos. Destacamos algum descuido

no que respeita à verificação de factos provenientes de *borrowed press*, tendência que permanece desde 1991 até aos nossos dias e que ameaça continuar a condicionar a cobertura de conflitos no futuro.

Bibliografia

- *Guerra do Golfo*, http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Golfo
- *Peter Arnett*, http://en.wikipedia.org/wiki/Peter_Arnett
- *Peter Arnett – Esquecido velho de Guerra*, <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mo051220013.htm>
- *Peter Arnett Reports: The Unwinnable War*, http://www.shamusyoung.com/lemon/issues/story.php?arnett_report
- *Pentagon pressure behind CNN firing of Peter Arnett*, <http://www.wsws.org/articles/1999/apr1999/cnn-a22.shtml>
- *JustFired, Peter Arnett hired by British paper*, <http://edition.cnn.com/2003/WORLD/meast/03/31/sprj.irq.arnett/index.html>
- *Peter Arnett: U.S. war plan has 'failed'*, <http://edition.cnn.com/2003/WORLD/meast/03/30/sprj.irq.arnett/index.html>
- *US network sacks top journalist*, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/2903503.stm>
- *Walter Goodman, What we saw, what we learned*, <http://archives.cjr.org/year/91/3/debrief-arnett.asp>
- *David Halberstam, The Death of Supply Column 21*, <http://www.cjr.org/issues/2006/6/Halberstam1.asp>
- *Douglas Kellner, The Media Propaganda War*, <http://www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/papers/gulfwar5.htm>
- *Mark Crispin Miller, Becoming Media-Wise: A Lesson In U.S. Propaganda*, http://baltimorechronicle.com/media_miller_jan03.shtml
- *Crafting Tragedy*, <http://www.whitehouse.gov/ogc/apparatus/crafting.html>
- *Reader asks about US bombing of baby milk plant during Gulf war*, <http://www.wsws.org/correspo/1998/sep1998/iraq-s04.shtml>
- *Bush defends Gul War decisions – CNN's Bernard Shaw interviews the former president*, <http://edition.cnn.com/US/9602/bush/>
- *Activity 19, The Baby Milk Factory - Reading 19F: Baghdad Gasbag*, <http://www.globaled.org/curriculum/cm19f.html>
- *Ann Coulter, The Viet Cong Admiration Society retreats*, http://www.worldnetdaily.com/news/article.asp?ARTICLE_ID=31849

- *José Rodrigues dos Santos visto como o melhor pivô*,
http://jn.sapo.pt/2007/03/30/televisao/jose_rodrigues_visto_como_o_melhor_p.html
- http://www.fcsh.unl.pt/deps/dcc/curricula/curriculum_jr_santos.html
- Peter Arnett, *Do Vietname a Bagdad – Ao Vivo do Campo de Batalha. 35 anos nas zonas de guerra de todo o mundo*, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1996
- Jornal *Diário de Notícias*, do dia 15 de Janeiro ao dia 15 de Fevereiro de 1991
- Jornal *Jornal de Notícias*, do dia 15 de Janeiro ao dia 15 de Fevereiro de 1991
- Jornal *O Público*, do dia 15 de Janeiro ao dia 15 de Fevereiro de 1991
- Jornal *Correio da Manhã*, do dia 15 de Janeiro ao dia 15 de Fevereiro de 1991

